



LUIS NESTOR RIBEIRO

Sob o signo de Nemesis

A tática tinha sido sumariamente enunciada pelo seleccionador antes da contenda. Ao nível do seu melhor, meio a sério meio a brincar, sardónico q.b. Assim fizemos. Vestimos os calções, bebemos cerveja e quisemos gritar golo. O golo tardou mas a vitória foi saborosa. Deco e Costinha receberam entusiasticamente o presente dos seus colegas e vão redescobrir o prazer de envergar o jersey das quinas. Foi sem dúvida, uma catarse libertadora para Eusébio.

Estava montado o cenário para a celebração do ritual. Na arena perfilhavam-se os gladiadores. Do lado português invocava-se Nemesis para saldar contas antigas: a matreirice britânica de 66 que tantas vezes trocou aos Magriços, alterando programas e estádios à última hora, para desestabilizar e ganhar vantagem na meia-final amargamente chorada por Eusébio. As lágrimas de Terry e Lampard foram incomparavelmente menos sentidas do que as derramadas em Inglaterra, face aos contratemplos arditosamente criados com o intuito de prejudicar o rendimento desportivo de quem tratava a bola por tu. Os ingleses vence-



sões dos jogos - numa versão mais light do futebol.

À semelhança do jogo com o México, após a expulsão de Luiz Perez, a equipa das quinas não conseguiu traduzir a superioridade numérica em golos. Não era fácil transpor o "doubledecker" londrino estacionado na grande área. Uma sólida e estóica defesa. Eriksson juntou 2 linhas de 4+4 deixando só um homem a fazer as despesas do ataque. Começavam a faltar as pernas na atmosfera pesada de Gelsenkirchen. O efeito estufa da cobertura fechada do estádio produzia os seus efeitos. A temperatura rondava os 32°C. Valeu o bom senso e acerto da decisão de efectuar o estágio luso em Évora. A resolução do jogo ia sendo tacitamente adiada. Rapidamente se percebeu que os protagonistas queriam resolver a partida através da lotaria que implica o recurso à marcação de grandes penalidades. No final, a posse de bola continuava a ser um património nacional, 57 por cento. Scolarì continuava invicto. 11 vitórias e um empate.

O perdulário Lampard foi uma má escolha para bater o primeiro penálti. Durante o jogo não acertou um remate. Voltou a reincidir de forma desastrada. A não concretização fragilizou os res-

Terry e Lampard foram incomparavelmente menos sentidas do que as derramadas em Inglaterra, face aos contratemplos arduamente criados com o intuito de prejudicar o rendimento desportivo de quem tratava a bola por tu. Os ingleses venceram mas não convenceram numa meia-final atribulada.

Mais tarde, em Monterey (México 86), os Infantes lograram bater os súbditos de Sua Majestade, na fase de grupos. Era a redenção vinte anos após, mas de pouco valeu a vitória lusa, porque eles seguiram em frente e os portugueses ficaram pelo caminho, atolados num escândalo quixotesco que atirou as quinas para o último lugar do respectivo grupo.

No Euro 2004 o orgulho inglês é novamente inferiorizado, desta vez nos quartos-de-final, num jogo emocionante decidido aos penáltis, com algum sabor a desforra. Mas o Euro não tem a dimensão de um Mundial.

Quis o Destino que os ingleses cruzassem de novo a rota portuguesa no Mundial 2006. O desafio prometia face à expectativa criada principalmente pelos tablóides britânicos, preocupados em denegrir a imagem lusa. Foi um jogo épico, bem disputado, com ambas formações apostadas em não ceder espaço. De início, os ingleses quiseram surpreender procurando jogar à latina. Eriksson conhece-nos. A habitual artilharia aérea tinha sido substituída pelo passe curto, triangulações e descidas velozes pelos corredores laterais, sempre que os nossos laterais subi-



am. Do outro lado a lição também tinha sido estudada e ninguém arriscava usar as baterias antiaéreas. Viu-se logo que o clímax tardaria, tal era o empenho dedicado aos preliminares. Com formações muito semelhantes, só com um homem entrincheirado na frente de batalha, as defesas anulavam os ataques. Foi preciso esperar 40 minutos para se assistir ao primeiro canto, a favorecer as quinas. "Please more football", gritava-se impacientemente na bancada. Mas eles não estavam para isso. Scolari já explicara. Quem joga bonito já foi para casa e acompanha o evento na têvê. Tínhamos pela frente um jogo altamente táctico que seria decidido pelos pormenores. O

espírito da colmeia imperava entre os portugueses. O labor era inteso em defender o último reduto do assédio inglês. Meira, com os níveis de confiança finalmente em alta e Carvalho em grande plano, eram simplesmente intransponíveis.

RICARDO CORAÇÃO DE LEÃO. Ricardo dava provas de segurança sempre que era obrigado a intervir. O destino do encontro ficou definitivamente marcado quando o spice boy percebeu que já não tinha pernas e o impetuoso Rooney, imaginando-se a jogar futebol americano, atropela Carvalho, ao melhor estilo caceteiro. Evidenciava de forma eloquente, perante as câmaras, para todo o mundo ver, o famoso

british fair-play que tanto preocupava os seus compatriotas. Rapidamente se percebeu que Aaron Lennon não era fácil de segurar e que vai aposentar Beckham assim que este esgotar o seu prazo de validade, o que não tarda muito. Mal esteve a realização televisiva quando nos privou de acompanhar o desenvolvimento de uma jogada para nos tentar impingir a pièguice lamechas da Béquinhãs & companhia chorando uma furtiva lágrima. Só faltou fazer acompanhar esta patética cena com a conhecida ária "una furtiva lacrima" do Elixir D'Amore de Donizetti. Por este andar não me admira nada que passemos a assistir a desfiles de moda para embelezar as transmis-

grantes penalidades. No final, a posse de bola continuava a ser um património nacional, 57 por cento. Scolari continuava invicto. 11 vitórias e um empate.

O perdulário Lampard foi uma má escolha para bater o primeiro penálti. Durante o jogo não acertou um remate. Voltou a reincidir de forma desastrada. A não concretização fragilizou os restantes companheiros. Ricardo inspirava confiança. Um feito inédito: defender 3 grandes penalidades passava a fazer história. O momento determinante dá-se quando Postiga engana um Robinson estático que erroneamente aguardava uma repetição do antológico remate à Panenka do Euro 2004. Quando deu por si a bola já morava no fundo das redes. Bye Bye! Ricardo provará ter um coração de leão e os súbditos de Sua Majestade tiveram que regressar, sem brio nem glória, a Camelot (sem Eriksson, o general derrotado). Os estandartes com a cruz de S. Jorge tinham sido removidos do campo onde pelejaram dois velhos aliados que lutavam pela posse do Santo Graal do desporto-rei. A esfera armilar, os 7 castelos, os 5 escudos com as quinas tinham sido novamente desfraldados pelas trovas do vento que passa anunciando mais uma vitória de Portugal. Findara cum laude a participação na cimeira do G8 e passara a pertencer ao restrito e exclusivo Bando dos Quatro.

Quanto ao fair-play, nada mais elucidativo do que as 21 faltas cometidas por Inglaterra em comparação com 10 por parte da selecção portuguesa. Esclarecedor.